

Travando Novamente a Última Guerra: o Afeganistão e o Modelo do Vietnã

Thomas H. Johnson e M. Chris Mason



My Tho, Vietnã, 5 de abril de 1968.

UMA MÁXIMA CITADA com frequência é que, em todos os conflitos do século passado, os Estados Unidos travaram de novo a guerra anterior. Diversos analistas e jornalistas mencionaram a Guerra do Vietnã recentemente em conexão com o Afeganistão.¹ Talvez receosos de levar essa analogia longe demais, a maioria deles se distanciou dela. Não deviam — a Guerra do Vietnã não é propriamente uma metáfora para o conflito no Afeganistão, e sim um modelo. Há oitos anos que os Estados Unidos se engajam em uma reencenação política e militar quase idêntica da Guerra do Vietnã, e a falta de consciência da repetição de eventos de 50 anos atrás é profundamente perturbadora.

Thomas H. Johnson é professor pesquisador do Departamento de Assuntos de Segurança Nacional (Department of National Security Affairs) e diretor do Programa de Estudos de Cultura e Conflito (Program for Culture and Conflict Studies) na Naval Postgraduate School em Monterey, Califórnia.



Soldado cobre um colega ferido enquanto um helicóptero aterrissa para evacuar os feridos depois que sua viatura blindada foi atingida por um dispositivo explosivo improvisado no Vale Tangi, Província de Wardak, no Afeganistão, 19 de agosto de 2009.

O governo Obama assumiu a responsabilidade pela Guerra do Afeganistão de forma deliberada nos primeiros dias de mandato ao enviar mais soldados e ordenar várias análises estratégicas. Em outubro, durante a redação deste artigo, o governo Obama estava engajado em uma análise estratégica bastante pública, depois de uma avaliação severa do general Stanley McChrystal, comandante do Teatro de Operações, cuidadosamente selecionado pelo presidente, e de um fiasco eleitoral constrangedor no Afeganistão. O presidente Obama sem dúvida

M. Chris Mason é funcionário do serviço de relações exteriores aposentado, que atuou, em 2005, como oficial político da Equipe de Reconstrução Provincial em Paktika. Atualmente é pesquisador sênior no Program for Culture and Conflict Studies e no Centro de Estudos Avançados de Defesa (Center for Advanced Defense Studies) em Washington, DC.

sabe, como sabiam os presidentes Johnson e Nixon em circunstâncias semelhantes, que a escolha de alternativas agora é entre ruim e pior. Há um consenso hoje em dia, como havia antes do golpe contra Diem, em 1963, que a guerra vai mal. O número de ataques de todos os tipos no Afeganistão aumentou a cada ano desde 2003, subindo drasticamente em 2009, o ano mais letal até agora para as forças americanas. O governo de Cabul é tão corrupto, deficiente e incompetente que até a fraude eleitoral é cômica. O emprego de soldados americanos aumentou de forma constante, um padrão conhecido da Guerra do Vietnã, e hoje o presidente precisa considerar um pedido de mais 40 mil soldados americanos ou, segundo o relatório sigiloso do general McChrystal revelado para o jornal *Washington Post*, encarar o “fracasso da missão”.² Qualquer que seja a decisão do presidente ou o resultado da atual eleição no Afeganistão nas próximas duas semanas, porém, eles não afetarão a semelhança extraordinária entre os dois conflitos.

Os paralelos superficiais entre os conflitos no Afeganistão e no Vietnã já são espantosos o suficiente. Em ambos os conflitos, a insurgência foi e é de base rural. Em ambos os casos, 80% da população era e é rural, com o índice de alfabetização nacional girando em torno dos 10%. Em ambos os casos, a insurgência era e é caracterizada pela coesão e exclusividade étnica. Em ambos os casos, os insurgentes gozaram de refúgio seguro atrás de uma fronteira longa, acidentada, impossível de fechar e intransponível para as forças convencionais americanas, onde o inimigo tinha e tem poder político incontestado. Ambos os países foram devastados por décadas de agressão imperial europeia (França e União Soviética, respectivamente); ambos venceram, contra todas as expectativas, guerras de “Davi e Golias” contra os invasores; e ambos sofreram uma década de guerra civil entre o Norte e o Sul em seguida, tendo tudo isso produzido gerações de combatentes e comandantes de batalha experientes e extremamente habilidosos.

Ambos os países têm terrenos imensamente inóspitos e intransponíveis e poucas estradas, restringindo o valor da superioridade americana em veículos motorizados e tornando os carros de combate irrelevantes e a artilharia imóvel. Tal terreno força uma dependência em relação

ao poder aéreo para o apoio de fogo e aos helicópteros para a movimentação de efetivo e reabastecimento. Ambas as guerras se deram no continente asiático, a milhares de quilômetros de distância dos Estados Unidos, o que requer linhas de logística sobrecarregadas, embora no Afeganistão, diferentemente do Vietnã, onde a Marinha dos EUA teve um excelente desempenho, não há, é claro, uma Baía de Cam Rahn, um Delta do Mekong ou um litoral, restringindo, em grande parte, a enorme vantagem do poder naval americano às tropas especiais da Marinha dos EUA (*SEALs*) e aos Batalhões Navais de Construção (*Seabees*).

Como na maioria das insurgências camponesas, em ambos os casos, guerrilheiros mal equipados viviam e se escondiam entre a população. Nem o Vietcongue nem o Talibã eram ou são populares. O índice de apoio para que qualquer um dos dois assumisse o governo da nação era e é inferior a 15%.³ Em ambas as guerras, o inimigo se infiltrou de forma profunda em nossas bases, forçando os intérpretes a informá-lo sobre todos os nossos movimentos e palavras.⁴ Em ambos os países, o comportamento agressivo e culturalmente ofensivo dos soldados americanos e o uso indiscriminado de apoio de fogo transformaram as aldeias rurais em centros de recrutamento do inimigo. O Vietnã do Norte recebeu dinheiro, armas e apoio da União Soviética; o Talibã os recebe do Exército



Exército dos EUA

Helicóptero CH-47 Chinook eleva uma carga de munição da base de apoio de fogo Myron, no Camboja, 24 de junho de 1970.

do Paquistão (ISI) e de sauditas ricos. Em junho de 2009, o Exército dos EUA até reinstituiu a “contagem de corpos” como um indicador do sucesso.⁵ (O general McChrystal revogou isso ao assumir o comando, mas essa mentalidade persiste.)

Essas são apenas algumas das simetrias superficiais. Os verdadeiros paralelos são bem mais profundos. Há diferenças, sem dúvida, mas a maioria, quando analisada, é mais sutil do que estrutural. Infelizmente, a maioria consiste em *desvantagens* distintas para os Estados Unidos. O Afeganistão é uma colcha de retalhos de grupos étnicos, diferentemente do Vietnã, com praticamente nenhum sentido de identidade nacional ou nacionalismo. No Vietnã, os Estados Unidos tinham controle completo sobre a execução da guerra; no Afeganistão, a “guerra por coalizão” é prejudicada pela fragmentação das linhas internas de autoridade e por ressalvas nacionais e regras de engajamento que minam a unidade de comando. No Vietnã, o inimigo era monolítico; a insurgência no Afeganistão é uma complexa rede de redes, o que é péssimo.⁶ O Afeganistão não tem uma única insurgência, mas várias insurgências interligadas, sendo as generalizações sobre os inimigos dos EUA naquele país enganosas e muitas vezes contraproducentes.

...a interseção de como as insurgências e como as jihads acabam é historicamente inexistente...

É nesse aspecto, na *natureza* do inimigo, que as semelhanças começam a ficar cada vez mais preocupantes, não em suas motivações, que são claramente diferentes, mas na nossa persistente *interpretação institucional equivocada* das suas motivações. No Vietnã, uma narrativa intensa e difundida de nacionalismo e reunificação motivava o inimigo, mas os Estados Unidos obtusamente insistiram em retratar a guerra como uma luta contra a disseminação do comunismo. Contudo, o Exército do Vietnã do

Norte e o Vietcong não estavam lutando pelo comunismo; estavam lutando pelo Vietnã. *Nós estávamos lutando contra o comunismo, mas o inimigo não estava lutando por ele.* Da mesma forma, no Afeganistão, o inimigo criou um discurso nacional penetrante, nesse caso, sobre a *jihad* religiosa. Funcionários de alto escalão dos EUA e da Otan, porém, continuam a interpretar erroneamente a narrativa fundamental do inimigo que estão combatendo, determinados, nesse caso, a conduzir uma campanha *secular* contra um inimigo que trava uma guerra religiosa. Os motivos de muitos combatentes individuais a pé são mais ignóbeis, é claro, indo desde a vingança e o crime até o puro mercenarismo, mas isso é irrelevante. O inimigo conseguiu estabelecer a *jihad* como sua narrativa generalizada e abrangente. De forma constante no tempo e no espaço, todas as suas operações de informações notavelmente sofisticadas enfatizam a mensagem religiosa da *jihad*. Praticamente todos os líderes talibãs, desde os líderes militares e políticos de alto escalão até os subcomandantes no âmbito do distrito, são *mulás*.⁷ As implicações disso ainda não foram plenamente compreendidas. Travamos uma *contra*insurgência; o inimigo conduz uma *jihad*. Contudo, a interseção de como as insurgências e como as jihads acabam é historicamente inexistente, e a discussão sobre “negociar com o Talibã” para encontrar uma solução política, como se o Talibã fosse uma organização política secular unificada, é profundamente ingênuo. Não se pode negociar com a vontade de Deus, e, no Afeganistão, só se buscam negociações quando se está perdendo para obter termos melhores de rendição. Ao não compreender a natureza básica do inimigo, os Estados Unidos travam mais uma vez a guerra errada, exatamente como fizemos no Vietnã. É difícil derrotar um inimigo que você não entende.

Seria possível corrigir esse problema se o aparato político e militar dos EUA pudesse examinar o inimigo fora do discurso secular generalizado, criado pelas principais agências de Inteligência dos EUA, e sem medo de passar a impressão de que esteja travando uma “guerra contra o Islã”. Essa mudança na forma de pensar é difícil, mas possível. Contudo, as duas semelhanças realmente profundas entre as duas

guerras são praticamente *irreparáveis*. A primeira delas é o problema político da *legitimidade*. De fato, o maior desafio apresentado pelo Vietnã do Norte na época e pelo Talibã hoje em dia não é o poder de combate, mas a legitimidade.⁸

A Condição *Sine Qua Non* da Contrainsurgência: Legitimidade

A “legitimidade” é uma palavra que vem sendo utilizada com frequência em Washington ultimamente. Depois de oito anos, os especialistas, os comentaristas e as autoridades governamentais descobriram, de repente, a “questão da legitimidade da governança”. Infelizmente, nenhum deles parece entender a verdadeira questão. Ela não se refere ao colapso moral do presidente Hamid Karzai ao longo dos últimos seis meses, ao fato de ter presidido uma eleição absurdamente (e desnecessariamente) manipulada ou ao fato de ele ter passado a ser visto como ilegítimo pela maioria dos afegãos. A verdadeira questão é que o presidente Karzai era visto como ilegítimo *antes* da eleição. O desastre político de agosto, que o subchefe da Missão de Assistência da ONU no Afeganistão, Peter Galbraith, chamou de “acidente de trem”, apenas mudou a percepção pública de Karzai do desdém para o escárnio. Os afegãos são conhecidamente educados; pesquisas de opinião pública ocidentais mostram apenas o que os afegãos pensam que o entrevistador quer ouvir, como exige a cultura deles, e não o que realmente pensam.

Por que isso importa para os militares? Porque os especialistas em geral concordam que um governo visto como legítimo por 85% a 90% da população é a condição *sine qua non* do sucesso contra uma insurgência. Como Kalev Sepp demonstrou estatisticamente, se você não a tem, você perde.⁹ (Ela não deve ser confundida com a popularidade: ter legitimidade para governar é completamente diferente de ser popular.) Hamid Karzai está agora bem abaixo dos 50% e provavelmente mais próximo dos 30%.

As insurreições não são novos fenômenos no Afeganistão.¹⁰ Líderes afegãos anteriores tiveram diferentes graus de sucesso em subjugar a insurreição religiosa rural. O grau de sucesso dependia de que parcela da população via o

regime como *legítimo* e de até que ponto ele se mantinha fora do dia-a-dia das pessoas. A história do Afeganistão demonstra, de forma conclusiva, que a legitimidade da governança advém exclusivamente de duas fontes imutáveis: a *dinástica* (monarquias e patriarcados tribais) e a *religiosa* e, às vezes, ambas.¹¹ Elas equivalem às fontes tradicionais e religiosas citadas pelo renomado sociólogo Max Weber.¹²

Infelizmente, o governo Karzai deve sua única pretensão à legitimidade à terceira fonte

...o governo Karzai é ilegítimo porque foi eleito.

de Weber, a jurídica (ex.: eleições no estilo ocidental e o Estado de Direito). Contudo, isso não tem um precedente histórico como base para legitimar o governo afegão, e a ideia de que o Ocidente pode aplicá-lo à sociedade afegã como uma mão de tinta é pura fantasia. Em essência, o governo Karzai é ilegítimo *porque* foi eleito.¹³

Um americano não pode declarar-se rei e esperar que seus conterrâneos o considerem legítimo: a monarquia não é uma fonte de legitimidade da governança nos EUA. Da mesma forma, um homem não pode ser eleito presidente no Afeganistão e esperar que os afegãos o considerem legítimo: a democracia não é uma fonte de legitimidade no Afeganistão. Qualquer ilusão que uma minoria de afegãos possa ter tido sobre o funcionamento da democracia desde 2001 foi completamente desfeita por um parlamento deficiente e pelo desastre eleitoral em agosto. As eleições não fazem as democracias; as democracias fazem as eleições.

Esse problema de ilegitimidade é especialmente agudo no âmbito das aldeias da sociedade rural pashtun, na qual a autoridade dinástica e religiosa é incontestada há mais de mil anos.¹⁴ A percepção generalizada entre os afegãos de que o governo Karzai é ilegítimo — *porque* carece de qualquer legitimidade tradicional ou religiosa — precede, em cinco anos, a desgraça de Karzai em agosto.

O grupo revisionista dos historiadores da Guerra do Vietnã sustenta que, em 1972, as forças militares dos EUA em campanha no

Vietnã do Sul haviam conseguido impedir temporariamente o esforço norte-vietnamita de reunificar o país à força, apesar das enormes desvantagens impostas às forças militares pelos parâmetros políticos de uma guerra limitada.¹⁵ Essa perspectiva é verdadeira em um sentido restrito. Contudo, como disse, historicamente, o coronel norte-vietnamita Tu ao coronel Harry Summers em Hanoi, em 1972, ela também é irrelevante. Todo o esforço militar foi tragicamente em vão porque, politicamente, em Saigon, o governo carecia de legitimidade. O governo nacional completamente ilegítimo nunca teve o apoio da população rural. (Também é decepcionante lembrar que esse impasse temporário foi atingido por até 535 mil soldados americanos — cerca de oito vezes a quantidade no Afeganistão ao final de 2009, em um país que caberia dentro deste último quatro vezes, com espaço de sobra para encaixar algumas cordilheiras, a um custo de 58.159 vidas americanas e cerca de quatro milhões de vidas vietnamitas.)¹⁶

Eric Bergerud, um dos melhores historiadores da Guerra do Vietnã, afirmou o que segue:

O governo do Vietnã carecia de legitimidade perante os camponeses, o maior segmento da população... Os camponeses enxergavam o governo do Vietnã como sendo distante, corrupto e ineficiente... A elite urbana do Vietnã do Sul possuía as manifestações externas de uma cultura estrangeira... mais importante, esse pequeno grupo detinha a maior parte da riqueza e do poder em uma nação pobre, e a postura da elite governante em relação à população rural era, na melhor das hipóteses, paternalista e, na pior das hipóteses, predatória.¹⁷

Como observa ainda Jeffrey Record, “o obstáculo político fundamental para um sucesso duradouro dos EUA no Vietnã [foi] o regime fantoche politicamente ilegítimo, militarmente impotente e completamente corrupto do Vietnã do Sul”.¹⁸ É só substituir “Vietnã do Sul” por “Afeganistão” nessas citações que as descrições se aplicam precisamente ao governo atual em Cabul. Como o Afeganistão, o Vietnã do Sul no âmbito nacional consistia em um conjunto de chefes guerreiros egoístas extremamente corruptos,

muitos dos quais estavam profundamente envolvidos no rentável comércio de ópio, com uma legitimidade quase inexistente fora da capital. Os ganhos puramente militares, obtidos a um preço terrível em termos de vidas e de recursos financeiros da nossa nação no Vietnã, nunca chegaram perto de esgotar a reserva de mão-de-obra do inimigo ou sua disposição de lutar, sendo simplesmente insustentável politicamente por um conjunto corrupto e incompetente de instituições estatais deficientes, nas quais o egoísmo era a palavra de ordem. Essa é a primeira de duas profundas reproduções da Guerra do Vietnã no Afeganistão, a qual as forças militares dos EUA devem considerar cuidadosamente antes de investir tudo em uma maior escalada.

Nem a “vietnamização” daquele conflito por Nixon nem a “afeganização” desta guerra eram opções viáveis. Como o Estado-Maior de Defesa alertou o secretário de Estado John Foster Dulles em 1954, “são necessários governos e sociedades fortes e estáveis para apoiar a criação de exércitos fortes”.¹⁹ O Vietnã, como o Afeganistão, carecia de ambos. Nos dois casos, um corpo de oficiais nomeados e promovidos com base em critérios políticos — mais motivados pelo lucro ou por lealdade a padrinhos do que pelo patriotismo — atrapalhou e atrapalha o Exército.²⁰ O Exército da República do Vietnã (*Army of the Republic of Vietnam — ARVN*), como o Exército Nacional Afegão (*Afghan National Army — ANA*), era afligido por uma elevada taxa de redução anual, o que o Exército dos EUA ocultou em ambas as guerras ao fornecer dados estatísticos enganosos,

Nem a “vietnamização” daquele conflito por Nixon nem a “afeganização” desta guerra eram opções viáveis.

referentes exclusivamente à quantidade de recrutas básicos treinados. O Pentágono continua a apresentar o número (verdadeiro, mas irrelevante) de 90 mil soldados do ANA “treinados e equipados” desde maio de 2002, sem



CFN dos EUA, Sgt. Freddy G. Cantu

Patriarcas da aldeia concorrendo para o conselho municipal exibem números enquanto os moradores locais votam durante uma eleição na Província de Helmand, no Afeganistão. Essas eleições estabeleceram órgãos de governança paralelos extremamente contraproducentes e destabilizadores, que corroem e enfraquecem ainda mais a autoridade e o poder dos patriarcas locais. O verdadeiro vencedor dessas eleições é o Talibã.

mencionar que talvez apenas 32 mil soldados continuem presentes no serviço atualmente.²¹ Como no ARVN, a qualidade dos recrutas do ANA é ruim; quase todos são analfabetos; o grau de aprestamento é baixo, mesmo com base nos padrões tolerantes impostos pela pressão de mostrar progresso; e o uso de drogas é um problema grave e crescente. Por trás da ilusão, a taxa anual de deserção “oficial” caiu de um pico de 30%, em 2005, para “apenas” 10%, mas a definição de “ausente sem licença” oculta uma grande parcela dos casos de deserção. A taxa de realistamento é inferior a 50% e, assim, com os contratos de cinco anos, outros 12% deixam a força todo ano. Com as baixas, doenças, etc., 25% do ANA se evapora anualmente. O Exército sabe que o ANA nunca conseguirá ultrapassar os 100 mil homens, o dobro do seu tamanho atual, porque, antes que isso aconteça, os acréscimos corresponderão às perdas anuais.²² As projeções de uma força de 134 mil homens até 2010 ou de um ANA com 240 mil homens

no futuro são absurdas. Outro triste paralelo é o fato de que, em ambas as guerras, o esforço de assessoria das forças militares americanas era a prioridade mais baixa na designação de pessoal dentro do Exército dos EUA. Desde maio de 2002, a taxa de preenchimento de vagas para instrutores incorporados no ANA gira em torno de 50% dos postos identificados, sendo eles tirados, em sua maioria, de áreas fora da especialidade de combate (como a área médica ou logística), para passarem eles mesmos por treinamento em habilidades de combate no Forte Riley antes de serem enviados para ensiná-las ao ANA. Mais importante, tanto o ANA quanto o ARVN ficaram psicologicamente incapacitados por permanecerem em um plano secundário durante anos enquanto os americanos assumiam o controle da guerra, e nenhum dos dois Exércitos aprendeu a atuar por conta própria nem desenvolveu a capacidade de se abastecer ou de manter os ganhos conquistados pelos soldados americanos. O Exército dos EUA gosta

de alardear as operações em que o ANA “tomou a liderança”, deixando de mencionar mais uma vez que praticamente todas elas ocorreram em áreas no norte, onde havia pouco combate, e que quase nenhuma delas foi realizada no sul, onde ele era intenso.

Em suma, a menos que o governo afegão inesperadamente se transforme em uma instituição competente, legítima e relativamente incorrupta em um espaço de tempo bem mais curto do que teve o governo do Vietnã do Sul para tentar realizar, sem sucesso, o mesmo feito, condições idênticas para o fracasso político e do Exército local continuarão a existir no Afeganistão, *independentemente* de qualquer êxito militar estrangeiro. A história também mostra, de forma decisiva, que os governos mantidos à ponta de baionetas estrangeiras em Cabul não sobrevivem à retirada delas por muito tempo.

A Diferença Fundamental

Há, porém, uma diferença positiva fundamental entre o Afeganistão e o Vietnã — diferença essa que pode salvar a situação na guerra se os tomadores de decisão a compreenderem. Como afirmado anteriormente, a tarefa central é estabelecer a legitimidade da governança para negar o controle político ao Talibã. No Afeganistão, como no Vietnã do Sul, em um âmbito nacional, isso é simplesmente impossível no espaço de tempo disponível. Está além do nosso poder mudar uma sociedade inteira. Contudo, no Afeganistão, essa legitimidade essencial não precisa ser nacional; pode ser local. A governança nas zonas rurais do Afeganistão é historicamente descentralizada e tribal, e a estabilidade vem de uma trama complexa e interligada de redes tribais.²³ Se os líderes ocidentais puderem pensar de forma inovadora, fora do marco estabelecido pelo Tratado de Westfália, e adotar formas não ocidentais de legitimidade, talvez possam inverter a trajetória descendente da guerra. Em vez de concentrarmos a energia e os recursos em construir um castelo de areia na beira da água, como fizemos repetidas vezes em Saigon depois de cada novo golpe, defendemos há anos que nosso foco deve ser em reconstruir a legitimidade local tradicional da governança nas

redes existentes de líderes tribais.²⁴ Uma política culturalmente hábil buscaria restabelecer a estabilidade no Afeganistão rural colocando tudo de volta como era antes da invasão soviética de 1979. Isso significa refortalecer os patriarcas das aldeias, em contraste com a atual política de tentar marginalizá-los ainda mais com eleições

A tragédia do Afeganistão é que há uma solução política, mas continuamos a ignorá-la...

locais (gerando, assim, mais ilegitimidade local). Pesquisas recentes demonstraram, de forma conclusiva, que os Conselhos de Desenvolvimento Comunitário estabelecidos pelas Nações Unidas e pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, em paralelo com o sistema tribal, aumentam a instabilidade e o conflito em vez de reduzi-los.²⁵ Restabelecer a legitimidade *local* da governança é, de fato, a única chance que resta para extrair algo parecido com as nossas metas de segurança no Afeganistão do fatalmente falho Processo de Bonn e das mandíbulas da derrota. A tragédia do Vietnã foi o fato de que não havia soluções políticas. A tragédia do Afeganistão é que há uma solução política, mas continuamos a ignorá-la em favor de tentar forçar os afegãos a se tornarem iguais a nós.

O Eixo de Cruzamento: O Fracasso Militar Estratégico

Se os paralelos terminassem por aqui, a análise já seria suficientemente desanimadora. No Afeganistão, porém, exatamente como no Vietnã, o problema político da ilegitimidade gera uma conexão fatal com a cultura institucional militar do “Grande Exército”, e o resultado é a incoerência. E esse é o segundo de dois paralelos estruturais profundamente inquietantes entre os dois conflitos.

Desde 2002, a execução da guerra no Afeganistão — em todos os níveis — baseou-se em uma estratégia implícita de atrito por meio de operações de limpeza praticamente idênticas às realizadas no Vietnã. No Vietnã, elas eram

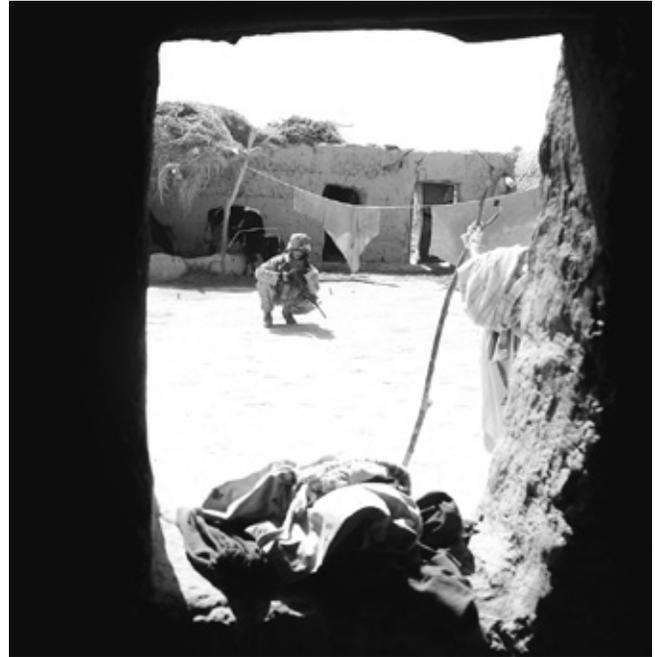
chamadas de “missões de busca e destruição”; no Afeganistão, elas são denominadas “operações de limpeza” e “vasculhamento de complexos”, mas o objetivo é o mesmo: encontrar armas de fácil reposição ou limpar, durante um curto período, uma área mínima, escolhida de forma arbitrária, em um terreno inútil para, em seguida, transferi-la para as forças de segurança nativas, que são incapazes de mantê-la, e, então, fazer isso de novo em algum outro lugar. A maior parcela do nosso mais precioso recurso no Afeganistão, o “soldado-hora”, é desperdiçada dessa forma desde janeiro de 2002. Não surpreende que, com uma densidade de soldados por milha quadrada que chegará a 1/32 da densidade na Guerra do Vietnã até o final do ano, isso também não esteja funcionando no Afeganistão. No Afeganistão, como no Vietnã, a reserva de mão-de-obra do inimigo para soldados e comandantes táticos *não* é o seu calcanhar de Aquiles porque o inimigo pode substituir as baixas a um ritmo bem mais acelerado do que o nosso em provocá-las. Há oito anos que lutamos no Afeganistão *exatamente* da forma esperada e desejada pelo inimigo. O Talibã também leu sobre a história da Guerra do Vietnã. (Em ambas as guerras, o Exército subestimou demais a inteligência do inimigo, outro paralelo trágico.)

Como brilhantemente documentado por Russell Weigley, a guerra de atrito é o estilo americano de guerra.²⁶ Como no Vietnã, a guerra de atrito no Afeganistão está fadada ao fracasso. O general McChrystal é o primeiro comandante americano, desde que a guerra começou, a entender que proteger o povo, e não correr atrás de adolescentes analfabetos no interior, é o princípio básico da contrainsurgência. Contudo, quatro meses depois de assumir o comando, parece que pouco mudou, com exceção de uma ordem, que já devia ter sido dada há oito anos, de parar de atender às preces do inimigo ao explodir complexos com ataques aéreos, transformando ainda mais adolescentes em mártires. (Ordem essa que os alemães em Kunduz ignoraram para explodir dois caminhões-tanques recentemente, matando de 40 a 50 civis.) A guerra de atrito continua sendo a nossa posição automática. Assistir ao desenrolar da guerra no Afeganistão continua sendo uma dolorosa recordação dos noticiários noturnos durante a Guerra do Vietnã, com seus lembretes diários sobre a mesma “estratégia de táticas”. Poucos daqueles com idade suficiente para se lembrar da Guerra do Vietnã na TV conseguiriam assistir sem ter uma sensação de *déjà vu* aos vídeos da Operação *Kanjar*, que mostravam a barulhenta chegada



NARA

Fuzileiro naval do 1º Batalhão, 3ª Divisão de Fuzileiros Navais, desloca um suspeito vietcongue para a retaguarda durante uma operação de busca e limpeza, 25 km a oeste da Base Aérea de Da Nang, 1965.



CFN dos EUA, Cabo Phillip Elgie

Sargento do CFN dos EUA vasculha um complexo durante uma patrulha no distrito de Nawa, Província de Helmand, Afeganistão, 29 de agosto de 2009.

de helicópteros CH-47 da época do Vietnã na Província de Helmand, com 4 mil fuzileiros navais a bordo, em julho de 2009, para executar mais uma missão de limpeza. Sim, os fuzileiros navais dizem, desta vez, que ficarão para proteger as pessoas, mas por quantos anos? Cinco? Dez?

Hoje em dia, os oficiais de alto escalão muitas vezes repetem o catecismo de que “não há uma solução militar” e de que não podemos “matar ou capturar” para alcançar a vitória no Afeganistão. Alguns oficiais dizem que o Exército se aperfeiçoou em operações de contrainsurgência nos últimos cinco anos. Talvez seja verdade, mas há poucas evidências no Afeganistão para comprová-lo. O “Grande Exército” adota o discurso de contrainsurgência, mas continua a praticar a guerra de atrito. No ano passado, por exemplo, um oficial das Forças Especiais do Exército, que voltava de uma missão de um ano no sul do Afeganistão, contou-nos que, embora tivesse pacificado o seu distrito ao estabelecer um relacionamento de confiança com os patriarcas e tivesse tido o menor número de ataques de dispositivos explosivos improvisados e emboscadas em sua Província nos seis meses anteriores, foi classificado em último lugar para promoção entre os oficiais de sua unidade por ter causado o menor número de mortes durante sua missão. Se o próprio quadro de contrainsurgência do Exército dos EUA promove com base na guerra de atrito, é seguro dizer que a 82ª Divisão Aeroterrestre não utiliza a maior parte do seu treinamento pré-desdobramento aprendendo a

vezes.²⁷ O código de DNA embutido no Exército de “localizar, fixar e destruir o inimigo”, o artigo de fé do general Westmoreland no Vietnã (que ficou conhecido como “o Conceito”), foi reforçado pela experiência nesse país.²⁸ Como no Vietnã, o Exército dos EUA no Afeganistão continua subconscientemente determinado a travar o tipo de guerra de manobra que gosta de travar, em vez de adaptar sua tática ao tipo de guerra na qual realmente se encontra.

Menos de 5% das forças americanas no Afeganistão atualmente têm a reconstrução (chamada de “Pacificação” no Vietnã) como sua missão principal, outro dado estatístico copiado do Vietnã. A porcentagem do pessoal designado para as equipes de reconstrução provincial (*provincial reconstruction teams — PRTs*) ou para apoiá-las é quase exatamente a mesma que a designada para os esforços de pacificação de aldeias como a malfeita Operação *Sunrise* e o programa de Apoio às Operações Cíveis e ao Desenvolvimento Revolucionário (*Civil Operations and Revolutionary Development Support — CORDS*) no Vietnã. Além disso, como no Vietnã, as missões de assuntos cíveis são a prioridade mais baixa para meios como proteção da força e viaturas protegidas resistentes a minas (*Mine Resistant Ambush Protected — MRAP*). Como várias das PRTs americanas no sul foram desmembradas e integradas às forças de manobra em 2005, regras restritivas de engajamento de proteção da força significam que sempre há meios suficientes para vasculhar mais um complexo, mas raramente há meios suficientes para a inspeção de “baixa prioridade” da construção de uma escola em outro distrito. Isso sugere uma cultura militar rica em teoria, deficiente na execução prática e, em grande parte, esquecida da própria história.

Ironicamente, a nova estratégia do general McChrystal no Afeganistão de sair das zonas rurais para proteger os grandes centros populacionais é exatamente a que o inimigo escolheria para nós se pudesse. Os afegãos que moram nas cidades maiores são, na maioria, comerciantes e pequenos empresários, sendo os últimos, além dos hazaras, a querer que o Talibã volte ao poder. O Talibã sabe que as guarnições urbanas cairão uma a uma como maçãs maduras, uma vez que, depois de controlar as zonas

Há oito anos que...lutamos exatamente da forma esperada e desejada pelo inimigo.

falar pachtó, a tomar chá da devida forma ou a entender o código *Pashtunwali*. Em uma cultura baseada na vingança, continuamos a arrombar portas, a violar os códigos de honra pashtuns ao revistar complexos e mulheres e a explodir civis da mesma forma desde 2002. Parafraseando John Paul Vann, não estamos no Afeganistão há oito anos, estamos no Afeganistão há um ano oito



NARA

Fuzileiros Navais da Companhia H, 2º Batalhão, 7ª Divisão de Fuzileiros Navais, deslocam-se ao longo das represas dos arrozais no encaço de vietcongues, 1965.

Ralph Dayton

Membros de uma “companhia de apoio” da 6ª Divisão de Fuzileiros Navais cruzam um canal de irrigação durante uma patrulha na Província de Helmand, maio de 2008.

rurais, ele as cerque, como fez ao tomar o poder em 1996. É a população rural que mais é preciso proteger em uma insurgência rural, não a população urbana. Os soviéticos aprenderam isso da pior forma no Afeganistão entre 1979 e 1989, quando também controlaram os centros populacionais e nenhuma área no interior e foram completamente derrotados. Como observou o marechal Akhromeyev em 1986, “controlamos Cabul e os centros provinciais, mas... perdemos a batalha pelo povo afegão”.²⁹

Ainda mais ironicamente, essa mesma crítica foi essencialmente publicada no famoso (e infame) relatório do Exército sobre o Programa para a Pacificação e Desenvolvimento de Longo Prazo do Vietnã do Sul (*Program for the Pacification and Long Term Development of South Vietnam — PROVN*) em 1966, que, como documentado por Andrew Krepinevich, foi oculto por um Exército que não estava interessado.³⁰

Déjà Vu Provincial

Outra réplica idêntica da Guerra do Vietnã no Afeganistão é o erro trágico de administrar o país e executar a guerra no âmbito provincial. Como escreveu Eric Bergerud sobre a Guerra do Vietnã:

A maioria das iniciativas políticas e muitos dos esforços militares destinados a destruir a... insurgência no Vietnã do Sul foram planejados ou controlados no âmbito provincial. As divisões de combate americanas normalmente estabeleciam suas áreas táticas de responsabilidade e, assim, o curso de suas operações, com base nas fronteiras provinciais.³¹

Tanto no Vietnã quanto no Afeganistão, porém, essas fronteiras provinciais eram conceitos administrativos artificiais, que não correspondiam, e não correspondem atualmente, a qualquer realidade política no terreno. As fronteiras provinciais no Afeganistão não significam coisa alguma, não correspondendo a qualquer identidade ou estrutura de poder local. Contudo, elas se assemelham a familiares fronteiras estaduais, municipais, provinciais e de Länder nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Alemanha, respectivamente, e, por isso, tornaram-se a base estrutural fundamental do esforço militar e político no Afeganistão.

A identidade pashtun está arraigada em um nível de organização social mais básico, no *woleswali* (distrito) e no *alaqadari* (subdistrito). Poucos pashtuns além dos poucos membros

das elites urbanas instruídas com os quais os ocidentais interagem possuem algum senso de identidade acima desse nível, que é quase inteiramente baseado em clãs. Nenhum pashtun se identificaria com base na sua Província, onde estamos tentando impor a governança externa. Os pashtuns rurais não têm, assim, interesse político perceptível nesse alicerce do esforço militar e político internacional no Afeganistão.

Uma das banalidades mais comuns (e mais tolas) repetidas por uma leva de “analistas de segurança” pós-2001 sobre as áreas tribais pashtuns é que elas são “espaços sem governo”. Isso não é verdade. As áreas tribais do Afeganistão são espaços *governados de uma forma alternativa*: são regidos hoje, como há um milênio, pela lei tribal. A lei tribal, implantada pelos patriarcas tribais de cada clã, resolve cerca de 95% de todas as disputas por meio dos mecanismos do *jirga*, ou conselho.³² Quando atua da forma tradicional, o mulá da aldeia é parte integrante do *jirga*, um conselheiro

espiritual que garante que o resultado esteja de acordo com os ditames do Islã, mas os patriarcas lideram o processo.

Quando está em equilíbrio, a sociedade rural afegã é um triângulo de poder formado pelos patriarcas tribais, pelos mulás e pelo governo.³³ Curiosamente, eles correspondem exatamente às três fontes de legitimidade da governança de Weber.³⁴ Em tempos de paz e estabilidade, o maior lado do triângulo é o dos patriarcas tribais, constituído pelo sistema de *jirga*. O segundo maior lado, mas bem mais curto, é o dos mulás. Tradicional e historicamente, o lado do governo é um segmento microscópico. Entretanto, depois de 30 anos de efeito bumerangue da islamização dos pashtuns iniciada pelo general Zia no Paquistão e acelerada pela guerra entre a União Soviética e o Afeganistão, o lado religioso do triângulo se tornou o maior lado.³⁵

Conceitualmente, o que o Ocidente tenta realizar no Afeganistão desde 2001, consagrado no fatalmente falho Processo de Bonn, é fazer com que o lado do governo do triângulo se torne



Departamento de Defesa

Helicópteros UH-1D transportam membros do 2º Batalhão, 14º Regimento de Infantaria, da área de plantação de borracha de Filhol para uma nova área de concentração, durante a Operação Wahiwawa, uma missão de busca e destruição conduzida pela 25ª Divisão de Infantaria, no nordeste de Cu Chi, 1966.

o mais longo por meio da política de “ampliar o alcance do governo central”.³⁶ Entretanto, toda vez que um governo central secular tentou fazê-lo, como foi o caso do rei Amanullah nos anos 20 e dos comunistas nos anos 70, isso resultou em uma revolução rural violenta e

“Ampliar o alcance do governo central” é precisamente a estratégia errada no Afeganistão...

conservadora, liderada pelos mulás e enquadrada em termos da jihad que derrubou o governo. Não é coincidência que a atual insurgência rural conservadora no Afeganistão, liderada pelos mulás e enquadrada em termos da jihad, tenha ficado mais forte e violenta a cada ano desde 2002, quando esse equivocado esforço de engenharia social revolucionária tornou-se a política dos EUA e da ONU.³⁷ “Ampliar o alcance do governo central” é precisamente a estratégia errada no Afeganistão porque é exatamente o que a população rural *não* quer. O grau de mudança social coercitiva que seria exigido para de fato implementar essa revolução social radical no Afeganistão está além dos nossos meios nacionais. Como observou Jeffrey Clark em sua análise final sobre o que deu errado no Vietnã, “estava simplesmente além da capacidade de uma potência reformar e redefinir a sociedade de outro país”.³⁸ “Ampliar o alcance do governo central” não é a solução para a insurgência; é uma de suas causas principais.

Entendemos que restabelecer o sistema tribal de governança pelos patriarcas não será fácil. Depois de oito anos tendo feito tudo errado, não há mais soluções fáceis no Afeganistão. Essa é simplesmente a menos pior. O sistema tribal foi ferido em muitas áreas do país, mas não mortalmente na maioria dos casos. Centenas de patriarcas foram mortos; outros buscaram a segurança relativa das cidades maiores. Contudo, os pashtuns não têm chefes ou “líderes” tribais. Diferentemente do Iraque, não há *xeqes* tribais. Os jirgas são círculos igualitários de patriarcas

em que todos os homens são iguais. Assim, se a pressão deformadora for removida, o equilíbrio tradicional da sociedade se recuperará gradualmente na maioria dos lugares. As culturas são inerentemente capazes de se recuperar e resistentes à mudança. Além disso, o argumento de que talvez não seja possível restaurar o sistema tribal em todas as comunidades rurais é um argumento fraco para não fazê-lo em nenhuma delas.

Em vez de descartar esse “par de dez” de uma governança tribal legítima e tentar obter uma “sequência” incompleta para um governo nacional irremediavelmente corrupto, incompetente e ilegítimo, os Estados Unidos deviam se empenhar em tirar proveito dessa cartada potencialmente boa — antes que o risco chegue a um ponto em que oito anos de más escolhas tornem as opções de passar ou ficar no jogo igualmente desastrosas, exatamente como no Vietnã.

**O Caminho Adiante
Extraído do Passado**

Quase todos os oficiais de infantaria americanos que entrevistamos no interior do Afeganistão ou recém-chegados de operações em zonas rurais concordam que, no nível tático da guerra, os Estados Unidos estão presos no tipo de situação do filme *Feitiço do Tempo* (estrelado por Bill Murray), exemplificada pela tragédia paradigmática da batalha de Hamburger Hill no Vietnã. Em vez de “limpar, manter e construir”, o que os Estados Unidos estão fazendo pode ser caracterizado como “limpar, voltar para a base avançada de operações; limpar, voltar para a base avançada de operações; limpar, voltar para a base avançada de operações”.

O esquema de “limpar, manter e construir” está fracassando no Afeganistão pelos mesmos motivos que fracassou no Vietnã: porque é *ordenado e linear*, isto é, *primeiro*, limpar; *em seguida*, manter; *em seguida*, construir. É evidente para todos que ele não está realmente funcionando porque não há uma manutenção subsequente e praticamente nenhuma construção real nas áreas pashtuns. (Na verdade, o Talibã incendia escolas com mais rapidez do que conseguimos construí-las desde 2002 e, por causa da inexistência de mecanismos de controle

de qualidade no local, uma grande parcela do que construímos desde 2002 já desmoronou.) Como no Vietnã, as forças de segurança locais, com as quais os Estados Unidos contam para manter as áreas, são incapazes de fazê-lo e continuarão sendo por pelo menos uma década. No Vietnã, elas eram as forças regionais-forças populares (*Regional Forces/Popular Forces — RF-PF*), também chamadas de *Ruff-Puffs*. No Afeganistão, depositamos as nossas esperanças na Polícia Nacional Afegã, a organização mais odiada e corrupta do país, ou no novo conceito de “milícias tribais”, outra ideia extraordinariamente ruim. Contudo, as forças internacionais são o único elemento que pode fornecer a garantia estável e confiável de segurança distrital necessária para pôr um fim à situação de “Feitiço do Tempo” e permitir que todas as três funções — limpar, manter e construir — ocorram *simultaneamente*.

O melhor veículo para isso, com base no sucesso do programa CORDS no Vietnã e no modelo das PRTs no Afeganistão, é transferir a estrutura das PRTs para os distritos, o âmbito de maior importância política no Afeganistão. O conceito de PRT mostrou que funcionava como um *elemento militar*, mas essas equipes são irrelevantes no nível estratégico da guerra. Estabelecidas pelo “Grande Exército” como um gesto simbólico de reconstrução, elas são escassas demais. Ter, em média, uma PRT no sul e no leste para cada 1,2 milhão de pashtuns na mais absoluta miséria, como é a taxa atual, pode constituir-se em uma valiosa experiência em operações cívico-militares, mas é obviamente algo absurdo como plataforma para um significativo desenvolvimento e segurança. A razão principal pela qual poucos soldados americanos estão engajados na missão mais importante no Afeganistão é que os oficiais são promovidos ao demonstrar habilidades de manobra, e não por realizar missões estáticas. É difícil mudar esse tipo de mentalidade institucional, conforme indicam acadêmicos militares, desde Andrew Krepinevich até John Nagl.

Contudo, o caminho para a vitória no Afeganistão, como o relatório do PROVN indicou sobre o Vietnã, é mudar a estratégia. A melhor forma de fazer isso, dado o número

de forças que temos à disposição, é tirar partido da nossa superioridade em proteger os soldados com poder de fogo e em abastecê-los por meio de helicópteros para estabelecer cerca de 200 equipes de reconstrução distrital (*district reconstruction teams — DRTs*). Deveria haver uma em cada distrito no sul e no leste,

...as equipes de reconstrução provincial são irrelevantes no nível estratégico da guerra...

formulada segundo a estrutura cívico-militar das PRTs — e não uma quantidade experimental de apenas seis ou oito dessas DRTs, que mal causarão algum dano ao inimigo, permitindo que ele crie contramedidas. Poderíamos tirar proveito da nossa tremenda supremacia nacional organizacional, logística e de engenharia para inundar o inimigo com centenas delas quase simultaneamente. A segurança local confiável assim fornecida, aliada a esforços para reforçar a primazia política dos patriarcas, poderia começar a permitir o ressurgimento da sua autoridade e liderança tradicional e legítima e a criar uma espiral de sucesso que se reforce continuamente.

Como, no final das contas, os afegãos precisam assumir a responsabilidade pela guerra deles, é preciso que haja uma mudança central na estrutura das PRTs. No âmbito do distrito, a missão deve ter um rosto obviamente afegão. O elemento internacional da segurança, uns 70 ou 80 homens e mulheres americanos, devem estar discretamente no centro de anéis concêntricos, com a “segurança” policial no anel externo fora da base avançada de operações e com o Exército Nacional Afegão no anel intermediário dentro da base avançada de operações, fornecendo a segurança visível. Os habitantes locais saberão que os americanos estão presentes, sendo capazes de solicitar apoio de fogo para o Exército afegão (e para a base local) se necessário, mas servindo como o “grande porrete” oculto das forças locais enquanto elas contam com a confiança para realizar operações de segurança em apoio aos líderes tribais locais.

De fato, com uma presença de 100 homens do ANA em cada uma, essas DRTs podem ter um número bem menor de integrantes americanos que as PRTs existentes. Duzentas DRTs com 80 soldados americanos cada exigiriam cerca de 16 mil homens e mulheres, aproximadamente um quarto da força dos EUA no país no final de 2009, mesmo sem os 40 mil soldados adicionais solicitados pelo general McChrystal. Uma guarnição de cem soldados do ANA em cada uma exigiria cerca da metade dos aproximadamente 32 mil soldados combatentes do ANA ainda presentes para serviço. Assim, os Estados Unidos não têm um problema de tamanho da Força e sim um problema de *distribuição* da Força. Os Estados Unidos não precisam de mais soldados no Afeganistão, mas sim de redistribuir uma parcela dos milhares de soldados na retaguarda para onde eles possam ser mais bem empregados.

Entretanto, as forças militares não podem desdobrar as DRTs sozinhas. A contrainsurgência é axiomáticamente “90% política e 10% militar”. O êxito da implantação exigiria que o Departamento de Estado começasse a levar a guerra no Afeganistão a sério, um requisito difícil de cumprir. Há atualmente mais funcionários do serviço de relações exteriores trabalhando em Roma, por exemplo, que no sul e no leste do Afeganistão. No Vietnã, havia sempre centenas de funcionários do serviço de relações exteriores desdobrados no país a partir de 1968. Há menos de 20 no sul do Afeganistão atualmente. O emprego de seiscentos a oitocentos funcionários do serviço de relações exteriores do Departamento de Estado e da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, capazes de falar pacho, distribuídos entre as duzentas equipes de reconstrução distrital, seria compatível com o grau de esforço exigido. Nos oito anos desde o início da Operação *Enduring Freedom*, apenas 13 funcionários do serviço de relações exteriores foram treinados para falar pacho e parece que apenas dois deles estão no Afeganistão atualmente, um esforço patético de contrainsurgência pelo Departamento de Estado com base em qualquer padrão razoável.

Não devemos ligar a estratégia de DRT à Estratégia de Desenvolvimento Nacional do

Afeganistão ou à Diretoria Independente de Governança Local e Programa de Solidariedade Nacional, cuja tarefa é o “estabelecimento e fortalecimento das estruturas governantes locais”, como os Conselhos de Desenvolvimento Comunitário. Esses conselhos aumentam o conflito e a instabilidade e devem ser dissolvidos.³⁹ As lições do Vietnã mais uma vez prenunciam a desgraça: os programas de pacificação, como a Operação *Sunrise* (o programa de “aldeias estratégicas”) fracassaram, em grande parte, por causa da incompetência burocrática dirigida centralmente e da insensibilidade em relação às considerações locais. As DRTs devem estar ao volante do “ônibus local”, não os burocratas fora de sintonia de Cabul. A estratégia precisa ser a segurança descentralizada e de baixo para cima e a construção nacional de longo prazo, com base na liderança e legitimidade tribal tradicional.

Conclusão

As guerras do Vietnã e do Afeganistão são incrivelmente semelhantes nos níveis estratégico, operacional e tático da guerra. A maioria dos historiadores hoje concorda que o conflito no Vietnã foi irremediavelmente perdido por causa do fracasso em dois fatais eixos cruzados:

- A incapacidade de estabelecer a legitimidade da governança, que a população rural preferisse como alternativa à Frente de Libertação Nacional o suficiente para arriscar a vida.
- O fato de os soldados americanos não protegerem e isolarem a população dos insurgentes realizando, em vez disso, uma guerra de atrito.

Os mesmos eixos fatais de fracasso surgem diante dos Estados Unidos agora no Afeganistão, e o tempo está acabando. Os Estados Unidos têm provavelmente como prazo o atual mandato presidencial até que a Otan se retire, que as populações afegã e americana se cansem do envolvimento dos EUA (um processo que já teve início) e que o Talibã consolide a sua jihad em uma massa crítica como em 1996. Não é possível criar um governo nacional legítimo dentro desse prazo. Uma monarquia cerimonial teria conferido a necessária legitimidade tradicional

a um governo eleito em Cabul, mas, como a monarquia afegã foi eliminada pelos EUA e pela ONU contra a vontade expressa de mais de três quartos dos representantes no Loya Jirga de Emergência em 2002 (o mais insensato de todos os atos da guerra e o equivalente afegão ao golpe contra Diem, em 1963), os Estados Unidos precisam agora adotar a *única alternativa secular que resta* à legitimidade religiosa do Talibã — a legitimidade tradicional da liderança tribal local.

Como observou Andrew Krepinevich em *The Army in Vietnam* (“O Exército no Vietnã”, em tradução livre), o sucesso da contrainsurgência começa com proteger as pessoas, e não com realizar missões de busca e destruição.⁴⁰ É a população rural que é preciso proteger, porém. A inércia burocrática de manter o rumo político resultará no fracasso no Afeganistão, como aconteceu no Vietnã. Os Estados Unidos podem obter o êxito com mais rapidez e eficiência se resolverem o segundo eixo do fracasso, o de isolar os insurgentes da população rural, criando cerca de 200 equipes de reconstrução distrital com base na estrutura comprovada das PRTs, uma em cada distrito no sul e no leste, onde a guerra é intensa.

O âmbito do distrito é o *único* âmbito de identidade pessoal que importa no sul e no leste do Afeganistão. Ao fornecer, em todos os distritos, segurança constante e confiável, 24 horas por dia, sete dias por semana, liderada por um componente do Exército Nacional Afegão, e ao proteger as pessoas contra a devastação causada tanto pelo Talibã quanto pela Polícia afegã, com mentores e instrutores americanos no local, a importância social tradicional dos patriarcas tribais ressurgirá gradualmente e se restabelecerá na maioria das áreas. A estrutura tribal está ferida, mas não mortalmente ainda. As aldeias rurais continuam cheias de homens de 50 a 60 anos que participaram de jirgas e de *salah-mashwarahs* trinta anos atrás como

homens de 20 a 30 anos, e eles sabem como as coisas devem funcionar. De fato, eles *querem* que elas funcionem, mas precisam de segurança para fazer com que isso aconteça.

À medida que o sistema voltar gradualmente a entrar em equilíbrio, os mulás radicais retornarão às suas posições de direito como conselheiros religiosos e guias espirituais de suas comunidades, em vez de continuarem sendo os líderes radicais que são hoje. É assim que terminam as jihads na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão. É preciso entender o inimigo antes de poder derrotá-lo.

Em 1983, Arnold Isaacs resumiu os motivos para o fracasso no Vietnã em sua história sobre os últimos anos da guerra conforme segue:

Do início ao fim, os líderes americanos permaneceram desastrosamente ignorantes da história, cultura, valores, motivos e habilidades vietnamitas. Sem compreender nem seu inimigo nem seu aliado e aprisionada pela convicção míope de que a pura força militar poderia de alguma forma superar circunstâncias políticas adversas, Washington cambaleou de um fracasso para outro, com a ilusão contínua de que o êxito estava sempre logo adiante. Essa ignorância e falsa esperança eram aliadas, em governos sucessivos, a circunstâncias burocráticas que inibiam a admissão de erro e faziam com que sempre parecesse mais seguro continuar repetindo os mesmos erros, em vez de arriscar os perigos desconhecidos de uma política diferente.⁴¹

Mais uma vez, seria possível substituir a palavra “vietnamita” por “afegão” na avaliação de Isaac, aplicando-a com igual precisão ao esforço dos EUA no Afeganistão entre 2001 e 2009. A atual estratégia dupla de construção nacional a partir de um topo inexistente para baixo e de uma guerra de atrito automática nos leva pelo mesmo caminho trágico.**MR**

Este artigo reflete apenas a opinião dos autores e não a opinião da Naval Postgraduate School, do Departamento de Defesa, do Center for Advanced Defense Studies ou da Military Review.

REFERÊNCIAS

1. BARRY, John; THOMAS, Evan. “Afghanistan: Obama’s Vietnam”, *Newsweek*, 9 de fevereiro de 2009.
2. *Washington Post*, 21 de setembro de 2009.
3. Consulte a entrevista com Daniel Ellsberg, especialista no Vietnã, na TRNN, 25 de outubro de 2009, disponível em: <<http://www.askbutwhy.com/2009/10/daniel-ellsberg-comparing-afghanistan.html>>.
4. Baseado em entrevistas de Thomas H. Johnson com diversos afegãos, jornalistas e analistas militares na Cidade de Kandahar, assim como no Campo de Aviação de Kandahar em maio e junho de 2009.
5. Consulte <http://online.wsj.com/article/SB124380078921270039.html#mod=rss_whats_news_us>.
6. Consulte, por exemplo: GIUSTOZZI, Antonio. *Koran, Kalashnikov, and Laptop: The Neo-Taliban Insurgency in Afghanistan* (New York: Columbia University Press, 2008); CREWES, Robert D.; TARZI, Amin (eds.), *The Taliban and the Crisis of Afghanistan* (Boston: Harvard University Press, 2008); DORRONSORO, Gilles. *Revolution Unending: Afghanistan, 1979 to the Present* (New York: Columbia University Press, 2005); JOHNSON, Thomas H. “On the Edge of the Big Muddy: The Taliban Resurgence in Afghanistan”, *China and Eurasian Forum Quarterly* 5, no. 2 (2007), pp. 93-129.
7. Entrevista do autor com um analista sênior do Departamento de Estado, março de 2009, Washington DC.
8. BARFIELD, Thomas. “Political Legitimacy in the Land of the Hindu Kush: Ruling Afghanistan 1500-2010” (versão preliminar em curso, 2009).
9. SEPP, Kalev I. “Best Practices in Counterinsurgency”, *Military Review* (Maio-Junho 2005), pp. 8-12.
10. Consulte, por exemplo, BARFIELD, Thomas. “Political Legitimacy in the Land of the Hindu Kush” ou EDWARDS, David. *Before the Taliban: Genealogies of the Afghan Jihad* (Berkeley: University of California Press, 2002).
11. A eliminação da monarquia segundo a nova Constituição afegã foi provavelmente o maior de todos os erros cometidos pelos Estados Unidos e pelas Nações Unidas depois de 2001—reconhecidamente um padrão alto em um campo cheio de concorrentes. Como erro estratégico irreparável, é o equivalente afegão do golpe inspirado pela CIA contra Diem no Vietnã em novembro de 1963. Em 2002, três quartos dos participantes no Loya Jirga de Emergência assinaram uma petição para tornar o falecido rei, Zahir Shah, o chefe de Estado interino, uma inconveniente demonstração de reverência pela monarquia, que exigiu uma extraordinária série de trapaças ocultas para subverter. Até uma monarquia cerimonial teria fornecido uma fonte extremamente necessária de legitimidade tradicional para estabilizar o novo governo e Constituição. A lição do Japão e seu imperador no final da Segunda Guerra Mundial foi tragicamente esquecida na pressa rumo à modernidade em Bonn; para uma excelente análise sobre a legitimidade política no Afeganistão, consulte BARFIELD, Thomas. “Problems of Establishing Legitimacy in Afghanistan”, *Iranian Studies* 37, 2004, pp. 263-69.
12. WEBER, Max. *The Theory of Social and Economic Organisation*, traduzido por A.M. Henderson e Talcott Parsons (New York: Oxford University Press, 1947).
13. Para uma análise da eleição presidencial de 2004 no Afeganistão, consulte JOHNSON, Thomas H. “Afghanistan’s Post-Taliban Transition: The State of State-Building after War”, *Central Asian Survey* (March–June 2006) 25 (1–2), pp. 1–26.
14. Consulte de modo geral: DUPREE, Louis. *Afghanistan*, 2d ed. (New York: Oxford University Press, 1980).
15. Consulte MOYAR, Mark. *Triumph Forsaken: The Vietnam War, 1954-1965 I* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006); SUMMERS, Harry. *On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War* (San Francisco: Presidio Press, 1995); PALMER, Bruce. *The 25 Year War: America’s Military Role in Vietnam* (Lexington: University Press of Kentucky, 1984).
16. O Vietnã do Sul possuía 67.108 milhas quadradas (173.800 km²). (Fora um número limitado de operações secretas, as forças terrestres americanas não tornaram o Vietnã do Norte parte do espaço de batalha terrestre por causa de limitações políticas.) O Afeganistão hoje possui 251.772 milhas quadradas (652.100 km²).
17. BERGERUD, Eric. *The Dynamics Of Defeat: The Vietnam War In Hau Nghia Province* (Boulder, Co: Westview Press, 1993), p. 3.
18. RECORD, Jeffrey. “How America’s Own Military Performance in Vietnam Aided and Abetted the “North’s” Victory, *Why the North Won the Vietnam War*, Marc Jason Gilbert, ed. (New York: Palgrave, 2002), p. 119.
19. SPECTOR, Ronald. *Advice and Support: The Early Years, 1941-1960* (University Press of the Pacific, 2005), p. 379.
20. O Exército inteligentemente ocultou o verdadeiro número de integrantes do ANA do público ao publicar apenas o número de soldados “treinados e equipados” — isto é, o número total que se formou pelo centro de treinamento ao longo da história do programa —, e ao omitir o número de homens “presentes para o serviço” ainda nas fileiras, especialmente o número de soldados combatentes disponíveis para o desdobramento.
21. Entrevista com um funcionário de Inteligência americano de alto escalão. Em um discurso ao Conselho de Relações Exteriores em 26 de outubro de 2009, o senador John Kerry (democrata, Massachusetts) observou que havia “menos de 50.000” homens no ANA. Segundo um relatório da RAND Corporation de 2009, 34% dos soldados do ANA servem em funções não combatentes; (*The Long March, Building an Afghan National Army*) 66% de 50.000 é 32.000, o que confirma a estimativa do funcionário.
22. O Centro de Lições Aprendidas do Exército dos EUA fez esse cálculo algum tempo atrás, informando oficiais de alto escalão do Exército dos EUA sobre ele. Só o custo dos salários anuais da atual força de 50.000 homens equivaleria a mais que o dobro do orçamento anual nacional do Afeganistão.
23. De modo geral, consulte DUPREE, Louis. *Afghanistan* (Oxford: Oxford University Press, 1980, 2d ed.); CAROE, Sir Olaf, *The Pathans* (Oxford: Oxford University, 1958); BANERJEE, Mukulika. *The Pathan Unarmed: Opposition and Memory in the Northwest Frontier* (New Delhi: Oxford University Press, 2001); HAROON, Sana. *Frontier of Faith: Islam in the Indo-Afghan Borderland* (New York: Columbia University Press, 2007); EDWARDS, David B. *Heroes of the Age: Moral Fault Lines on the Afghan Frontier* (Berkeley: University of California Press, 1996). Uma dinâmica semelhante no Paquistão é apresentada em SPAIN, James W. *The People of the Khyber: The Pathans of Pakistan* (New York: Frederick A. Praeger, 1962).
24. Consulte, por exemplo: “All Counterinsurgency is Local”, *The Atlantic Monthly*, October 2008, “No Sign until the Burst of Fire: Understanding the Pakistan—Afghanistan Frontier”, *International Security*, Spring 2008, no. 4: pp. 41-77, “Terrorism, Insurgency, and Afghanistan”, *Countering Terrorism and Insurgency in the 21st Century. International Perspectives. Volume 2. Combating the Sources & Facilitators*. Editado por: James J. Forest. PRAEGER SECURITY INTERNATIONAL, 2007, “Understanding the Taliban and Insurgency in Afghanistan”, *Orbis: A Journal of World Affairs* 51, no. 1, 2006.
25. BRICK, Jennifer. “The Political Economy of Customary Village Organizations in Afghanistan”, disponível em: <www-test.bu.edu/aias/brick.pdf>.
26. WEIGLEY, Russell F. *The American Way of War* (Bloomington: Indiana University Press, 1977).
27. Consulte: SHEEHAN, Neil. *Bright Shining Lie: John Paul Vann and America in Vietnam* (New York: Random House, 1988).
28. KREPINEVICH, Andrew. *The Army in Vietnam* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986), p. 6.
29. DOBBS, Michael. “The Afghan Archive: Secret Memos Trace Kremlin’s March to War”, *The Washington Post*, 15 de novembro de 1992, p. A1
30. KREPINEVICH, p. 6.
31. BERGERUD, p. 1.
32. ROBICHAUD, Carl. “Afghanistan’s Three Legal Systems”, *Afghanistan Watch*, 9 de janeiro de 2007, disponível em: <www.afghanistanwatch.org/rule_of_law/index.html> (9 de junho de 2007); uma importante declaração acadêmica e análise do impacto da cultura na legislação afegã constam de BARFIELD, Thomas. “Culture and Custom in Nation-Building: Law in Afghanistan”, *Maine Law Review* 60, no. 2, 2008, pp. 358-73.
33. BARFIELD, Thomas. “Culture and Custom in Nation-Building”, pp. 354-59.
34. Entrevistas de Thomas H. Johnson com vários patriarcas de distritos e aldeias na Cidade de Kandahar, agosto e setembro de 2008.
35. JOHNSON, Thomas H.; MASON, M. Chris. “No Sign until the Burst of Fire: Understanding the Pakistan—Afghanistan Frontier”, *International Security*, Spring 2008, no. 4: p. 70.
36. Para problemas ligados aos Acordos de Bonn, veja JOHNSON, Thomas H., “Afghanistan’s Post-Taliban Transition: The State of State-Building after War”, *Central Asian Survey* (March–June 2006) 25 (1–2), pp. 1-26.
37. Johnson and Mason, pp. 54-55.
38. CLARK, Jeffrey J., *Advice & Support: The Final Years 1965-1973* (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 1988), p. 521.
39. BRICK.
40. KREPINEVICH.
41. ISAACS, Arnold. *Without Honor, Defeat in Vietnam and Cambodia* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983), p. 489.